

MOSSORÓ COMO *LÓCUS* DE CULTURA – PROJEÇÃO DISCURSIVA VIA CONSTRUÇÃO DA CIDADE COMO METRÓPOLE DO FUTURO

Ana Maria de Carvalho (UERN)

Carvalhoana1@hotmail.com

Cícero Roney da Silva Andrade (UERN)

ciceroroney@gmail.com

Pâmela Suélly Praxedes de Paiva Fernandes (UERN)

pamelasuely@bol.com.br

Introdução

Este trabalho vincula-se ao Projeto *Discurso, memória e cidade: mecanismos de produção de sentidos sobre o sujeito e a cidade de Mossoró*, ligado ao CNPq/Edital Universal - que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – GEDUERN.

Trata-se de uma investigação que partiu de questionamentos a respeito de Mossoró como “cidade da cultura”, como assim é levada a ser conhecida, com a preocupação de compreender os efeitos de sentido produzidos sobre cidade e suas manifestações culturais.

Um acontecimento que fez circular discursos sobre a cidade de Mossoró foi ela ter sido classificada pela revista *Veja* como metrópole do futuro. Isso foi muito explorado nas práticas discursivas da cidade por meio dos discursos do poder e mídias locais, agregando aos enunciados já cristalizados sobre a cidade e seu povo outros sentidos, pois além de resistente e libertária, Mossoró ainda se constrói como cidade da cultura e projeta-se discursivamente como metrópole do futuro.

Em torno desses elementos significantes emergem enunciados que registram uma identidade de cidade em desenvolvimento e, assim, alguns projetos políticos e discursos midiáticos contribuem para a constituição dessa identidade local. Práticas discursivas diversas fazem circular enunciados enaltecendo e inscrevendo modos de significar a cidade por meio da repetição e/ou atualização de uma memória que inscreve certos sentidos sobre a cidade como libertária e metrópole do futuro.

Analisar esses enunciados e o modo como eles materializam a relação cultura e desenvolvimento, em diversos gêneros veiculados pela mídia e poder local, é o objetivo central deste trabalho que se situa epistemologicamente nas propostas da Análise do Discurso de orientação francesa, campo do saber reconhecido como interdisciplinar, que procura descrever e interpretar as produções de sentido, realizadas por sujeitos históricos, por meio da materialidade da linguagem. A partir do diálogo com outros campos do saber, este trabalho também se embasa nas propostas dos Estudos Culturais, especialmente nas de Hall (2006) que entende que toda prática social é cultural e, por conta disso, são práticas de significação.

Do ponto de vista metodológico, o *corpus*, composto de matérias da revista *Veja*, propagandas e outros gêneros que circulam na mídia e outros veiculados pela Prefeitura da cidade, será analisado recorrendo-se aos dispositivos teórico-analíticos sugeridos pela Análise do Discurso tais como a noção de enunciado, interdiscurso, formação discursiva e posição sujeito. Nesses termos, na cidade, a cultura institui-se como campo de formas simbólicas projetando a cidade como *lócus* de cultura e metrópole do futuro.

Concepção de cultura

A concepção de cultura aqui adotada ancora-se no campo epistemológico dos Estudos Culturais e fundamenta-se especialmente em Stuart Hall, um dos teóricos expoentes dessa

área e em Rosa Bueno Fischer, entre outros autores, que trabalham nesse campo sob uma abordagem que tomam Foucault como um de seus interlocutores.

Ao refletir sobre o processo denominado de *Virada cultural*, fenômeno pelo qual a cultura passa a ter centralidade nas relações sociais e a linguagem passa a ser lugar privilegiado de sua constituição, Stuart Hall (1997) aponta a grande expansão de tudo que está associado à cultura, assim como seu papel constitutivo na contemporaneidade, em todos os aspectos da vida social. Para o autor, a cultura tem de ser concebida como algo imprescindível, constitutiva da vida social. Essa centralidade se institui pelo fato de que a cultura perpassa todos os aspectos – ações, atividades, instituições – do campo político e econômico, atravessa, permeia os acontecimentos do mundo e da vida, as representações que fazemos desses acontecimentos e os entendimentos que temos das coisas da vida.

Nessa direção, Veiga-Neto (2003, p. 6) argumenta que “a cultura é central não porque ocupa um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas”. Assim, tal centralidade não significa necessariamente entender a cultura como um âmbito epistemologicamente superior aos demais âmbitos sociais – como o econômico, o político, o educacional; mas significa tomá-la como permeando tudo aquilo que é do social.

Assim, é por essa centralidade adquirida na contemporaneidade que a cultura deixou de ser pensada e trabalhada em campos específicos, como o da antropologia, para ser problematizada nos mais variados campos do saber. Sob esse aspecto Hall (1997) apresenta duas proposições que envolvem nova formulação da noção de cultura: uma que se refere à definição antropológica e outra que a esta se contrapõe, no sentido de questionar o significado de universalidade da cultura por meio de categorias como formação social, relações de poder, dominação e regulação, resistência e luta.

Na primeira proposição a cultura é tratada como prática, entendida como um conjunto de normas, regras, valores, costumes, artes e o cultivo e produção de diferentes formas de sobrevivência dos grupos sociais. Sob esta visão, a cultura é produzida e reproduzida pelo sujeito, mas o sujeito, por sua vez, é tomado não como constituído da cultura, mas como algo fora dela.

Na segunda, a cultura é concebida como um espaço de lutas e de confrontos por meio do qual se produzem os sentidos e os sujeitos que constituem os diferentes grupos sociais. A cultura, nesses termos, passa a ser objetivada e pertencente ao domínio do simbólico, de constituição do significado, ou melhor, a cultura é produtora de sentido e de saberes, lugar de constituição do sujeito que produz cultura e por ela é produzido. Refere-se, então, aos significados, às idéias, às práticas, aos sentimentos e às relações que um grupo cria, recria, mobiliza e adota em suas relações. Nesses termos, a cultura tem caráter dinâmico e é vista como “práticas sociais que ao forjarem sentidos ganham efeitos de verdade, constituem modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo” (BERNARDES e GUARESCHI, 2004, p. 202).

Hall, em seu texto *A identidade cultural na pós-modernidade* discute o funcionamento da cultura nacional como um sistema de representação, considerando-a como um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50). Assim, ao produzir sentidos, com os quais podemos nos identificar, as culturas nacionais constroem identidades. Podemos afirmar que da mesma forma, são as culturas locais: fabricam identidades e essa fabricação se dá a partir de sentidos que estão materializados em narrativas sobre a cidade, memórias de fatos históricos que conectam seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas.

Na concepção do autor, toda a ação social é cultural e, por sua vez, todas as práticas sociais expressam um significado, constituem-se como práticas de significação. E, como nos

advertiu Foucault (2003), nesse jogo dos discursos está implicado a relação saber-poder, o que nos permite entender a cultura como uma arena onde se travam as lutas pela significação. Nessa direção Fischer (2006, p. 26) nos alerta: “falar em cultura implica em falar de um campo muito específico, qual seja, o da produção histórica e social de significações numa determinada formação social”, por meio do qual atribuímos sentidos às nossas vidas e em consequência nos tornamos sujeitos.

Cidade, cultura e práticas discursivas

A cidade é a primeira e decisiva esfera cultural do ser humano; se inscreve como unidade primordial da construção humana, individual e social (COELHO, 2008). Assim, qualquer política cultural deve existir *a partir da cidade e para ela estar voltada*, o que concede à gestão cultural um papel estratégico. Dito de outra forma, a cidade é o lugar privilegiado onde as políticas públicas locais podem fomentar a diversidade e a pluralidade cultural, uma vez que possibilitam a convivência das mais variadas formas de expressão.

Heinrich (2008), refletindo sobre o novo papel para a política cultural urbana, coloca que a cultura nos nossos dias desponta como uma ferramenta de crescimento econômico que, por sua vez, tem se configurado como pilar principal na construção de uma identidade urbana e na política de imagem da cidade. No recente processo de globalização as cidades se tornam cada vez mais complexas e a cultura assume um papel preponderante na criação de valores democráticos e de convivência. Assim, para a autora, “O ponto de partida de qualquer política cultural urbana deve ser a diversidade cultural – como um princípio fundamental de todas as sociedades urbanas” (HEINRICH, 2008, p. 91),

Nessa direção, Rita Davies (2008) em um texto intitulado *A cultura é o futuro das cidades* argumenta que a cultura é o elemento propulsor que pode oferecer não só maneiras instigantes de relacionar o cidadão com sua comunidade, mas de fazer frente a muitos desafios sociais que as cidades enfrentam. A autora enfatiza que a cultura hoje está onde realmente deve estar: “no verdadeiro centro da construção urbana – porque ela é o coração pulsante da nova cidade” (DAVIES, 2008, p. 71). Como aponta a “Agenda 21 da cultura”¹, que atualmente já é carta oficial da Organização Mundial das Cidades e Governos Locais Unidos, a cultura não é simplesmente um fator para o desenvolvimento local e regional, mas uma das dimensões desse desenvolvimento (PASCUAL, 2008).

Sob essa visão, Teixeira Coelho (2008) ao apresentar a obra *A cultura pela cidade*, da qual ele é organizador, coloca que a cidade já foi uma aglomeração orgânica, relativamente ocasional; em seguida, uma questão de urbanismo e arquitetura; hoje, está claro que se não for uma questão de cultura, no sentido mais abrangente, não será nada. O direito à cidade se traduz, na contemporaneidade, em direitos culturais. E o modo mais sintético de compreendê-los é: a cultura no cerne da vida pública, coordenando e pensando todas as iniciativas, planos e projetos de toda natureza, indo dos transportes à saúde, passando pela educação.

Também não podemos deixar de fora o que argumenta Certeau (2007, p. 172), em *Caminhadas pela cidade*: “planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar *a própria pluralidade* do real e dar *efetividade* a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (Grifos do autor).

Na contemporaneidade, como se vê, a cultura tem assumido uma maior centralidade que nos instiga a repensar imaginários, quer sejam nos âmbitos globais ou locais. Dessa forma, uma questão nos é imposta, a de identificarmos o lugar teórico da análise do discurso e

1 A “Agenda 21 da Cultura”: trata-se de um documento aprovado por cidades e governos locais do mundo inteiro como um compromisso internacional para o desenvolvimento da cultura. Sua aprovação se deu em 8 de maio de 2004, em Barcelona, por ocasião do IV Fórum de Autoridades Locais para a Inclusão Social de Porto Alegre, no marco do I Fórum Universal das Culturas (PASCUAL, 2008).

o modo como olhamos para a cidade, para a cultura e para a política ao nível simbólico, da discursividade, algo que implica certos arranjos epistemológicos e procedimentos de análise. Consequentemente, este lugar de fala produz uma escrita, entendendo que as articulações próprias à descrição e interpretação da cidade, da cultura e da política materializam-se neste texto sob a forma de uma *escrita de análise do discurso*².

Desse viés pensamos a cidade como um espaço onde lemos uma heterogeneidade de outros espaços e temporalidades, espaço heteróclito e simbólico, o qual é denominado por Foucault (2006) de heterotopia. Neste espaço de discursos que é a cidade, a linguagem é duplamente problemática, ela é linguística e histórica, entremeio que nos permite compreender, como propõe Orlandi (2004), o *funcionamento* do urbano, do social em meio às *falas desorganizadas*, nas enunciabilidades e imagens que quebram os sentidos, irrompem silêncios e memórias para desestabilizar a aparente ordem cidadina. Nesses termos, olhamos para o discurso político que se propaga na mídia em torno da cultura mossoroense em busca de compreender os efeitos de sentido sobre a cultura local que se materializam nas práticas discursivas e não-discursivas na cidade de Mossoró. Assim, para que o leitor compreenda o nosso trilhar analítico, se faz necessário traçar, primeiramente, o perfil dessa cidade, como veremos a seguir.

“O país de Mossoró”: dados geográficos, econômicos e culturais

Mossoró, geograficamente, é um lugar privilegiado, equidistante de duas capitais, Natal, a 270 Km, e Fortaleza (CE), a 240 Km. Sua economia tem como referenciais o sal e o petróleo e atualmente é potencializada com a força de mais três atividades: a fruticultura tropical irrigada, a carcinicultura e a caprinocultura, que geram um dos maiores Produto Interno Bruto - PIB *per capita* da região, com uma população estimada em mais de 260 mil habitantes. É uma cidade que vive um intenso crescimento econômico: considerada uma das cidades de médio porte brasileiras mais atraentes para investimentos no país, sendo um dos municípios mais visitados do Estado.

A revista *Você S/A*, publicada pela editora Abril, voltou a citar Mossoró como cidade promissora. “A capital do Oeste”, como assim é conhecida, está mais uma vez no ranking das 100 melhores cidades do Brasil para os jovens que estão querendo seguir uma carreira profissional, ocupando a 91ª posição. De acordo com o ranking, Mossoró subiu três posições em relação à última pesquisa da Fucepe, publicada pela *Você S/A* em 2009, que ocupava a 94ª colocação, entre as 100 cidades que apresentaram as melhores oportunidades de emprego e carreira no Brasil.

Mossoró também tem sido divulgada e conhecida como a “capital cultural do Estado”, em função dos importantes investimentos realizados, a cada ano, no seu setor cultural, especialmente no que se refere às festas, assim como à criação de espaços voltados para o setor cultural. Pensando num maior crescimento para a cidade, a iniciativa pública mossoroense, cria um grande projeto de revitalização denominado “Corredor cultural”. Trata-se de um projeto de urbanização que veio ressignificar a Avenida Rio Branco, dividindo-a em diversas áreas temáticas. No centro dessa avenida, ficava a antiga estação ferroviária, que estava abandonada, e hoje, transformada em “Estação das Artes Elizeu Ventania” que além de abrigar o Museu do Petróleo, tornou-se em um grande palco onde são realizados os eventos culturais e shows diversos. Para compor esse “Corredor cultural” foi construída a Praça da Criança, a Praça de Eventos, Teatro Municipal Dix-huit Rosado, o Memorial da Resistência e a Praça de convivência, entre outros.

2 Essa reflexão sobre o lugar da teoria é possibilitada por inúmeros autores, registro especial feito aqui às definições de Michel De Certeau, em *A escrita da História* (CERTEAU, 2007).

Na promoção do aspecto artístico-cultural, Mossoró tem aproveitado uma série de importantes fatos históricos como a) *O motim das mulheres* – movimento ocorrido em 1875, liderado por Ana Floriano, que na companhia de mais de trezentas mulheres saíram às ruas, armadas com utensílios domésticos para protestarem contra o alistamento dos seus filhos e maridos para a Guerra do Paraguai; b) *A libertação dos escravos* - em 1883 (cinco anos antes da Lei Áurea); c) *A resistência ao bando de Lampião* em 1927 e d) *O primeiro voto feminino na América Latina* – de Celina Guimarães em 1928. Tais fatos são lembrados e enaltecidos na peça teatral “Auto da liberdade” e no “Cortejo da Liberdade”, eventos esses que se inserem na Festa da Liberdade, maior manifestação cultural da cidade, que ocorre no mês de setembro, de cada ano. Além desses eventos ainda se destacam “Mossoró Cidade Junina”; a peça teatral “Chuva de Bala no país de Mossoró” e Oratório de Santa Luzia.

Cidade e cultura: o gesto do analista do discurso

Entendemos que, assim como a espacialização e a imagem de um lugar, também a cultura não se institui como algo dado. São efeitos de sentido, do discurso, de uma produção, isto é, a cultura constitui-se como uma invenção que vem sendo construída ao longo dos anos e para tomá-la como objeto de investigação no âmbito de uma perspectiva discursiva, exige-se do analista do discurso que não se limite a caracterizar os discursos apenas pelos seus diferentes níveis de funcionamento linguístico, mas que se considere neste jogo discursivo o entrecruzamento de práticas discursivas e não-discursivas complexas. Ao olhar os discursos, o analista quer problematizar as relações entre práticas discursivas e práticas histórico-sociais. No cerne de uma formação social, quer entender as relações que os enunciados mantêm entre si e com acontecimentos históricos, políticos e culturais e, além disso, compreender como as verdades, os sujeitos, os objetos são construídos por meio da produção e circulação de discursos. Em síntese, analisar discursos é dar conta das relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos.

Seguindo uma visão foucaultiana, a análise do campo discursivo tem sua diferença, sua especificidade:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação: de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2005, p. 31).

Dessa forma, o que se inscreve nos enunciados, aqui tomado para análise, será visto como acontecimento discursivo, considerado como prática que emerge como irrupção histórica, afinal, somente tratando o enunciado dessa forma é que “se pode descrever nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 2005, p. 31). Em outros termos, na análise do campo discursivo, trata-se de conceber o enunciado na singularidade de sua existência e de estabelecer relações com os outros enunciados. Nessa perspectiva, a análise deve orientar-se pela seguinte problematização: como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?

O enunciado é a unidade elementar que forma um discurso. Conforme aponta Foucault (2005), essa unidade básica não pode ser confundida com frase ou com proposição, mas

devemos admiti-la como uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que emirjam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço, pois é justamente essa função enunciativa que torna uma frase, uma proposição, um ato de linguagem em um enunciado. A análise arqueológica de Foucault nos mostra que enquanto as regularidades de uma frase e de uma proposição são definidas pelas leis de uma língua ou por uma lógica, respectivamente, as regularidades dos enunciados são definidas pela formação discursiva (FD), sendo esta entendida como aquilo que se pode dizer em uma época e espaço social determinado a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas.

Assim, nessa abordagem aqui empreendida, o discurso é entendido como processo em que se articulam uma materialidade linguística e uma materialidade histórica (sócio-ideológica), ou melhor, o discurso se revela como o espaço onde se cruzam língua e história; e enquanto lugar de possibilidade de relação da língua com a sua exterioridade, a sua interpretação leva o analista a postular que o sentido de um texto não é transparente, porém, opaco. Daí haver a necessidade do analista romper as estruturas linguísticas para poder alcançá-lo. Como argumenta Fernandes (2007, p. 23), é preciso “sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso”.

O discurso, enquanto objeto sócio-histórico não se resume apenas em um conjunto de signos estruturalmente elencados, porém veicula e produz poder, instituindo-se ao mesmo tempo como instrumento e efeito de poder e também obstáculo, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso deve ser colocado na ordem do acontecimento, cuja produção é organizada, controlada e redistribuída por meio de procedimentos que têm como função aceitar, excluir ou interditar seus poderes e perigos, conceder direitos e privilégios. Isto significa dizer que o discurso não é simplesmente algo que revela as lutas ou sistemas de dominação, mas sim, “aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2003, p. 10).

Nessa direção, estabelecer critérios para pensar o discurso do poder local sobre a cultura e a promoção da cidade em metrópole, implica admitir que todo discurso é produzido em condições específicas, numa ordem institucionalizada e por relações de poder. Nesses termos, para compreender o funcionamento do discurso devemos levar em conta a descrição dos enunciados, dando importância às condições específicas de sua produção e à materialização dos sentidos no nível enunciativo.

Com base nos fundamentos da Análise do Discurso, analisamos as apropriações que são feitas pelo poder local dos enunciados que constroem Mossoró como metrópole do futuro. Vejamos a imagem abaixo:



Na cidade o poder local espalhou outdoors reproduzindo esses enunciados ou construiu enunciados a partir das informações contidas nas reportagens publicadas em revistas de circulação nacional como *Veja* e *Você S/A*. O enunciado acima é um exemplo disso. Ele faz circular a informação e projeta a cidade e o poder local. O lema do poder local atual “Esse é o jeito certo” aparece em destaque no outdoor construindo um amálgama entre o que se informa e quem é responsável por isso. O efeito que se produz é que a projeção da cidade como metrópole está ligada às ações do poder local. Abaixo aparece, como se fosse assinatura, se inscreve o slogan da atual administração da cidade, “Mossoró da gente”. A imagem do executivo e dos prédios fazem referência às oportunidades de emprego e de investimento na cidade nos últimos anos, nos quais se destacam o crescimento na construção civil.



Memorial da Resistência



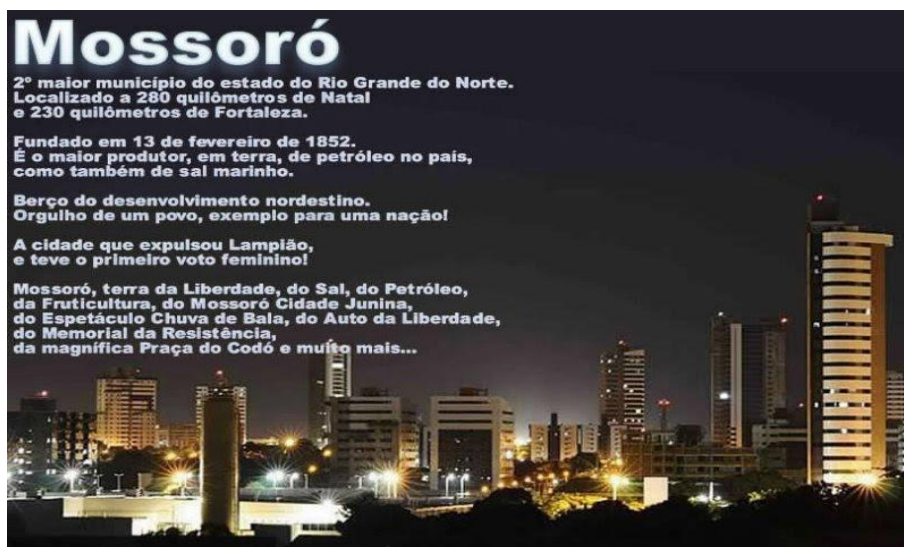
Praça da Convivência



Teatro Municipal

As imagens acima representam uma parte do Corredor Cultural. Esse projeto foi uma das grandes iniciativas do grupo político que vem governando a cidade nas últimas décadas. Ele contempla uma política de projeção de Mossoró no cenário turístico do estado do Rio grande do Norte e se transformou em lugar de aglomeração de jovens e adultos na busca entretenimento. Aqui, especialmente no Cafetal do Memorial da Resistência e na Praça de convivência a prefeitura investe em atrações artísticas para atrair visitantes e população da cidade. Esse projeto contribuiu para tirar a cidade da monotonia e falta de opção em termos de diversão e cultura. Ele também é constantemente citado nos discursos do poder local como um grande feito das últimas administrações da cidade.

Além das projeções discursivas do poder local sobre seus feitos para preparar a cidade do futuro, também a mídia participa dessa construção. São inúmeros os blogs e sites que reproduzem o discurso de Mossoró como metrópole. Essa explosão discursiva constrói-se apoiando-se na memória histórica que marca Mossoró como cidade de vanguarda. Essa rememoração que tem raiz histórica na libertação dos escravos, na resistência ao bando de Lampião, no ato pioneiro do 1º voto feminino da América latina, aparece nos enunciados da atualidade para reforçar e relembrar o espírito pioneiro de seu povo. Nos enunciados abaixo, a presença dos feitos históricos produz um efeito na conjuntura atual de que o que a cidade é resultado do ideal de liberdade, resistência e pioneirismo de seu povo.



Encontramos na mídia digital referências a relação cultura e desenvolvimento que marcam a história presente da cidade, contribuindo para sua entrada na agenda de desenvolvimento das cidades brasileiras. Assim, nos enunciado que segue registra-se a relação entre as promoções culturais organizadas e promovidas pela prefeitura para incrementar o turismo e os investimentos na cidade.

MOSSORÓ PREPARA-SE PARA A "FESTA DA LIBERDADE"



Com boa expectativa para o setor hoteleiro, os festejos trazem a oportunidade de turistas e admiradores da cultura popular migrarem à cidade, impulsionando o comércio formal, informal e o fluxo de hospedagem

Considerações

Ao estabelecer critérios para pensar o discurso da mídia e o do poder local, implicou admitir que todo discurso é produzido em condições específicas, numa ordem institucionalizada e por relações de poder.

Pelo que foi demonstrado na análise, é perceptível o efeito de sentido que se quer fazer valer: Mossoró como metrópole do futuro e terra de um povo forte, resistente e pioneiro.

Queremos aqui enfatizar que não é qualquer voz que se inscreve nesses enunciados, mas a do poder político municipal ou de seus aliados que por si mesmos, instalados na “ordem do discurso”, pode instituir, revigorar, ou fazer valer sua “vontade de verdade”³. Para Courtine (2006), o discurso político é um “lugar de memória” cujo funcionamento se dá como um reservatório de enunciados e práticas que supõe um sistema de conservação e de difusão do arquivo. Para o autor, a memória, na política, é um poder: dá abertura ao direito da fala, funda uma possibilidade de se exprimir e dispõe de um valor performativo de proposição eficaz, porque, revestida do peso da tradição, inscreve os enunciados numa série de sentidos e de razão que ancora a volatilidade das palavras com o chumbo da lembrança. Desse modo, o que aí é dito sobre a cidade pode ressoar para os mossoroenses como aquela “verdade” da qual todos devem se orgulhar.

Referências

BERNARDES, Anita Guazelli e GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In.: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sônia T. Lisboa e PREHN, Denise R. (orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 199-222.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

COELHO, Teixeira. A cidade, os direitos, a cultura (Orelha). In.: COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DAVIES, Rita. A cultura é o futuro das cidades. In.: COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, p. 71-86.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 9. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. (Coleção: Ditos e Escritos, Vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

3 No sentido foucaultiano do termo. Para Foucault não existe a verdade em si mesmo; ela é construída e funciona como um sistema de exclusão que tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e um poder de coerção (ver FOUCAULT, 2003).

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: ufrgs/faced, v.22, n.2, jul/dez, 1997, p. 15-46.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINRICH, Bettina. Mudando cidades: um novo papel para a política cultural urbana. In.: COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, p. 87-101.

ORLANDI, Eni P. *Cidade dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2004.

PASCUAL, Jordi. Ideias-chave sobre a Agenda 21 da Cultura. In.: COELHO, Teixeira (org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, p. 49-62.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003, p. 5-15.